



A Santa Sé

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI NA SOLENIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Quarta-feira, 29 de Junho de 2005

Queridos Irmãos e Irmãs!

A festa dos santos Apóstolos Pedro e Paulo é ao mesmo tempo uma grata memória das grandes testemunhas de Jesus Cristo e uma solene confissão em favor da Igreja *una, santa, católica e apostólica*. É antes de tudo uma festa da *catolicidade*. É sinal do Pentecostes a nova comunidade que fala em todas as línguas e une todos os povos num único povo, numa família de Deus e este sinal tornou-se realidade. A nossa assembleia litúrgica, na qual estão reunidos Bispos provenientes de todas as partes do mundo, pessoas de numerosas culturas e nações, é uma imagem da família da Igreja distribuída sobre toda a terra. Estrangeiros tornaram-se amigos; não obstante todos os confins, reconhecemo-nos irmãos. Com isto é levada a cabo a missão de São Paulo, que sabia "ser para os gentios um ministro de Cristo Jesus, que administra o Evangelho de Deus como um sacerdote, a fim de que a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo, lhe seja agradável" (*Rm 15, 16*). A finalidade da missão é uma humanidade que se tornou uma glorificação viva de Deus, o culto verdadeiro que Deus espera: eis o sentido mais profundo da *catolicidade* uma *catolicidade* que já nos foi doada e para a qual, contudo, nos devemos encaminhar sempre de novo. A *catolicidade* exprime só uma dimensão horizontal, a reunião de muitas pessoas na unidade; exprime também uma dimensão vertical: só dirigindo o olhar para Deus, só abrindo-nos a Ele nos podemos tornar verdadeiramente uma coisa só. Como Paulo, assim também Pedro veio a Roma, à cidade que era o lugar de convergência de todos os povos e que por isso podia tornar-se antes de qualquer outra, a expressão da universalidade do Evangelho. Empreendendo a viagem de Jerusalém para Roma, certamente ele sabia que era guiado pelas vozes dos profetas, da fé e da oração de Israel. De facto, faz parte também do anúncio da Antiga Aliança a missão a todo o mundo: o povo de Israel estava destinado a ser luz para os povos. O grande salmo da Paixão, o salmo 21, cujo primeiro versículo "Meu Deus, meu

Deus, por que me abandonaste?" Jesus pronunciou na cruz, este salmo terminava com a visão: "Hão-de lembrar-se do Senhor e voltar-se para Ele todos os confins da terra; não-de prostrar-se diante dele todos os povos e nações" (Sl 21, 28). Quando Pedro e Paulo vieram a Roma o Senhor, que iniciara aquele Salmo na cruz, tinha ressuscitado; esta vitória de Deus devia ser agora anunciada a todos os povos, cumprindo assim a promessa com a qual o salmo se concluía.

Catolicidade significa *universalidade* multiplicidade que se torna unidade; unidade que permanece contudo multiplicidade. Da palavra de Paulo sobre a *universalidade* da Igreja já vimos que faz parte desta *unidade* a capacidade que os povos têm de se superar a si mesmos, para olhar para o único Deus. O verdadeiro fundador da teologia católica, Santo Ireneu de Lião, no século II, expressou este vínculo entre catolicidade e unidade de maneira muito bonita, e cito-o. Diz: "A Igreja espalhada em todo o mundo conserva esta doutrina e esta fé com diligência, formando quase uma única família: a mesma fé com uma só alma e um só coração, a mesma pregação, ensinamento, tradição como se tivesse uma só boca. São diversas as línguas segundo as religiões, mas a força da tradição é única e a mesma. As Igrejas da Alemanha não têm uma fé ou tradição diversas, nem as da Espanha, da Gália, do Egito, da Líbia, do Oriente, nem as do centro da terra; como o sol criatura de Deus é um só e idêntico em todo o mundo, assim a luz da verdadeira pregação resplandece em toda a parte e ilumina os homens que desejam chegar ao conhecimento da verdade" (*Adv. haer.* I 10, 2). A *unidade* dos homens na sua multiplicidade tornou-se possível porque Deus, este único Deus do céu e da terra, se mostrou a nós; porque a verdade fundamental sobre a nossa vida, sobre o nosso "de onde?", se tornou visível quando Ele se mostrou a nós e em Jesus Cristo nos mostrou o seu rosto, a si mesmo. Esta verdade sobre a essência do nosso ser, sobre o nosso viver e o nosso morrer, verdade que de Deus se tornou visível, une-nos e faz de nós irmãos. *Catolicidade e unidade* caminham juntas. E a *unidade* tem um conteúdo: a fé que os Apóstolos nos transmitiram da parte de Cristo.

Sinto-me feliz porque ontem na festa de santo Ireneu e vigília da solenidade dos santos Pedro e Paulo pude entregar à Igreja uma nova guia para a transmissão da fé, que nos ajuda a conhecer melhor e depois também a viver melhor a fé que nos une: o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. O que no grande Catecismo, mediante os testemunhos dos santos de todos os séculos e com as reflexões maduras na teologia, é apresentado em pormenor, é recapitulado neste livro, nos seus conteúdos fundamentais, que depois devem ser interpretados na linguagem quotidiana e concretizados sempre de novo. O livro estrutura-se como diálogo de perguntas e respostas; quatorze imagens associadas aos vários campos da fé convidam à contemplação e à meditação. Resumem por assim dizer de modo visível o que a palavra desenvolve nos pormenores. No início está um ícone de Cristo do século VI, que se encontra no monte Athos e representa Cristo na sua dignidade de Senhor da terra, mas ao mesmo tempo, como arauto do Evangelho, que tem nas mãos. "Eu sou aquele que sou" este misterioso nome de Deus proposto na Antiga Aliança está ali representado como o seu próprio nome: tudo o que existe vem d'Ele; Ele é a fonte originária de todos os seres. E por isso é único, também está sempre presente, está sempre perto de nós e ao mesmo tempo precede-nos sempre: como "indicador" no caminho da

nossa vida, aliás, sendo Ele mesmo o caminho. Não se pode ler este livro como se lê um romance. É preciso meditá-lo com calma em cada uma das suas partes e permitir que o seu conteúdo, mediante as imagens, penetre na alma. Espero que seja acolhido desta forma e se possa tornar uma boa guia na transmissão da fé.

Dissemos que *catolicidade* da Igreja e *unidade* da Igreja caminham juntas. O facto que ambas as dimensões se tornem visíveis a nós nas figuras dos santos Apóstolos indica-nos já a característica sucessiva da Igreja: ela é *apostólica*. O que significa? O Senhor instituiu doze Apóstolos, assim como doze eram os filhos de Jacob, indicando-os como arquétipos do povo de Deus que, tendo-se já tornado universal, daquele momento em diante abrange todos os povos. São Marcos diz-nos que Jesus chamou os Apóstolos para que "andassem com Ele e também para os enviar" (*Mc 3, 14*). Parece quase uma contradição. Nós diríamos: ou estão com Ele ou são enviados e põem-se a caminho. Há uma palavra do Santo Papa Gregório Magno sobre os anjos, que nos ajuda a desfazer tal contradição. Ele diz que os anjos são sempre enviados e ao mesmo tempo estão sempre diante de Deus, e continua: "Onde quer que sejam enviados, onde quer que vão, caminham sempre no seio de Deus" (*Homilia 34, 13*). O Apocalipse qualificou os Bispos como "anjos" da sua Igreja, e por conseguinte, podemos fazer esta aplicação: os Apóstolos e os seus sucessores deveriam estar sempre com o Senhor e precisamente assim onde quer que vão estar sempre em comunhão com Ele e viver desta comunhão.

A Igreja é *apostólica*, porque confessa a fé dos Apóstolos e procura vivê-la. Existe uma unicidade que caracteriza os Doze chamados pelo Senhor, mas existe ao mesmo tempo uma continuidade na missão apostólica. São Pedro na sua primeira carta qualificou-se como "copresbítero" com os presbíteros aos quais escreve (5, 1). E com isto expressou o princípio da sucessão apostólica: o mesmo ministério que ele tinha recebido do Senhor continua agora na Igreja graças à ordenação sacerdotal. A Palavra de Deus não está só escrita mas, graças às testemunhas que o Senhor, no sacramento, inseriu no ministério apostólico, permanece palavra viva. Assim me dirijo agora a vós, queridos irmãos Bispos. Saúdo-vos com afecto, juntamente com os vossos familiares e com os peregrinos das respectivas Dioceses. Estais para receber o pálio das mãos do Sucessor de Pedro. Fizemo-lo abençoar, como pelo próprio Pedro, pondo-o ao lado do seu túmulo. Agora ele é expressão da nossa responsabilidade comum diante do "supremo pastor", Jesus Cristo, do qual fala Pedro (*1 Pd 5, 4*). O pálio é a expressão da nossa missão apostólica. É expressão da nossa comunhão, que no ministério petrino tem a sua garantia visível. Com a *unidade*, assim como com a *apostolicidade*, está relacionado o serviço petrino, que reúne visivelmente a Igreja de todas as partes e de todos os tempos, impedindo assim que todos nós escorreguemos para falsas autonomias, que muito facilmente se transformam em particularismos da Igreja e podem comprometer a sua independência. Com isto não queremos esquecer que o sentido de todas as funções e ministérios no fundo é que "cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo", para que cresça o corpo de Cristo "para se construir a si próprio no amor" (*Ef 4, 13.16*).

Nesta perspectiva saúdo de coração e com gratidão a delegação da Igreja ortodoxa de Constantinopla, que é enviada pelo Patriarca Ecuménico Bartolomeu I, ao qual dirijo um pensamento cordial. Guiada pelo Metropolita Ioannis, veio a esta nossa festa e participa na nossa celebração. Mesmo se ainda não concordamos sobre a questão da interpretação e do alcance do ministério petrino, estamos contudo unidos na sucessão apostólica, estamos profundamente unidos uns aos outros pelo ministério episcopal e pelo sacramento do sacerdócio e confessamos juntos a fé dos Apóstolos como nos é dada nas Escrituras e como é interpretada nos grandes Concílios. Neste momento do mundo cheio de cepticismo e de dúvidas, mas também rico de desejo de Deus, reconhecemos novamente a nossa missão comum de testemunhar juntos Cristo Senhor e, com base naquela *unidade* que já nos é dada, ajudar o mundo para que creia. E suplicamos ao Senhor com todo o coração para que nos guie à *unidade* plena de forma que o esplendor da verdade, a única que pode criar a *unidade*, se torne de novo visível no mundo.

O Evangelho deste dia fala-nos da confissão de São Pedro que deu origem ao início da Igreja: "Tu és Cristo, o Filho de Deus vivo" (*Mt* 16, 16). Tendo falado hoje da Igreja *una*, católica e apostólica, mas ainda não da Igreja *santa*, desejamos recordar neste momento outra confissão de Pedro pronunciada em nome dos Doze no momento do grande abandono: "Por isso nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus" (*Jo* 6, 69). O que isto significa? Jesus, na grande oração sacerdotal, diz que se santifica pelos discípulos, fazendo alusão ao sacrifício da sua morte (*Jo* 17, 19). Com isto Jesus exprime implicitamente a sua função de verdadeiro Sumo Sacerdote que realiza o mistério do "Dia da Reconciliação", não apenas nos ritos substitutivos, mas na concretização do seu próprio Corpo e Sangue. A palavra "o Santo de Deus" no Antigo Testamento indicava Aarão como Sumo Sacerdote que tinha a tarefa de realizar a santificação de Israel (*Sl* 105, 16; cf. *Sr* 45, 6). A confissão de Pedro em favor de Cristo, que ele declara o Santo de Deus, está no contexto do discurso eucarístico, no qual Jesus anuncia o grande Dia da Reconciliação mediante a oferenda de si mesmo em sacrifício: "O pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo" (*Jo* 6, 51). Assim, no quadro desta confissão, encontra-se o mistério sacerdotal de Jesus, o seu sacrifício por todos nós. A Igreja não é *santa* por si só; consiste de facto de pecadores todos nós o sabemos e vemos. Mas ela é sempre de novo santificada pelo Santo de Deus, pelo amor purificador de Cristo. Deus não falou apenas: amou-nos de modo muito realista, amou-nos até à morte do próprio Filho. É precisamente disto que se nos mostra toda a grandeza da revelação que quase inscreveu no coração do próprio Deus as feridas. Então, cada um de nós pode dizer pessoalmente com São Paulo: "Vivo na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (*Gl* 2, 20). Peçamos ao Senhor para que a verdade desta palavra se imprima profundamente, com a sua alegria e responsabilidade, no nosso coração; rezemos para que irradiando-se da Celebração eucarística, ela se torne cada vez mais a força que plasma a nossa vida.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana